

## Ritos, Tradição e Educação – o Interior e o Exterior

Chie Hirose<sup>1</sup>

**Resumo:** Tendo como referencial a Cerimônia do Chá, o artigo examina e discute - a partir de João Guimarães Rosa, Fernando Pessoa, Tomás de Aquino, Pascal e Shakespeare – a interação interior/exterior do ser humano nos ritos e na educação.

**Palavras-Chave:** Educação. Antropologia. Cerimônia do Chá. Unidade do Homem.

**Abstract:** Based on the Tea Ceremony, this article examines and discusses - from the writings of João Guimarães Rosa, Fernando Pessoa, Thomas Aquinas, Pascal e Shakespeare - the unity of human being (interaction between his "interior" and "exterior" dimensions) in rites and education.

**Key-words:** Education. Anthropology. Tea Ceremony. Unity of Man.

### A abrangência das cerimônias: o interior e o exterior<sup>2</sup>

De uma tese de doutorado tematicamente dedicada à Cerimônia do Chá destaco aqui estas considerações gerais sobre as cerimônias: o interior e o exterior. Segundo os mestres do *Chado*, o Caminho do Chá deve ter na Harmonia (*Wa*), no Respeito (*Kei*), na Pureza (*Sei*) e na tranquilidade (*Jaku*) os seus princípios basilares, são a base de todas as regras práticas do ritual do Chá e representam, ao mesmo tempo, seu mais alto ideal.

Sen XV explica que o "homem de chá" (*cha-jin*) deve saber criar na sala de chá, através do rígido ritual e de sua participação total, a atmosfera adequada para que esses princípios sejam sentidos e vividos intensamente, por um momento, único e irrepetível, por todas as pessoas participantes da Cerimônia<sup>3</sup>.

Nada mais alheio a nossos propósitos do que sugerir procedimentos cerimoniais possam de *per se* obter quaisquer resultados valiosos para a educação. Eles não agem *ex opere operato*, como o batismo católico para um recém-nascido, ou a unção de um enfermo prestes a morrer. Não são tampouco um ritual mágico, um abracadabra ou "abre-te, Sésamo". Nem uma prática supersticiosa, como a de dar três pulinhos para que São Longuinho me indique onde está o objeto perdido...

O *Chanoyu* (Cerimônia do Chá) é um dos casos – tão típicos dos Orientes (embora o *Chanoyu* seja especialmente destacado nesse sentido) – de busca de ritualizar o impulso estético. Ritualização que vem da "crença de que a promulgação de um 'drama' padronizado provocará as mesmas sensações despertadas pela beleza. No Ocidente, entendemos quase unanimemente a sensação estética com uma preocupação individual, e seja lá qual for a teoria que professemos a respeito de suas causas, natureza e manifestações, cremos que ela surge espontaneamente; em geral, nem sequer levamos em conta a possibilidade de poder brotar de um conjunto ritualístico que defina lugares e leis."<sup>4</sup>

<sup>1</sup>. Este artigo apoia-se no cap. 8 de Hirose, Chie *A Experiência do Corpo na Cerimônia do Chá - subsídios para pensar a educação*, tese de doutoramento apresentada à Fac. de Educação da USP, 2010.

<sup>2</sup>. Neste tópico, recolho alguns parágrafos do artigo publicado no número anterior desta revista (RIH, 20): "Fingir para Germinar: Educação e Antropologia", em duas partes; a primeira, escrita por Jean Lauand; a segunda, de minha autoria.

<sup>3</sup>. Sen XV, *Soshitsu. Vivência e Sabedoria do Chá*. tradução de Francesca Cavalli, 2ªed. São Paulo: Ed. T.A.Queiroz, 1985, p. 17.

<sup>4</sup>. Bleiler, E. F. "Introdução" in Okakura, Kakuzo. *O livro do Chá* São Paulo: Ed. Pensamento, 2009.p 23.

Considerando os ritos em geral, no citado artigo anterior discutíamos a “pedagogia do fingir” no sentido de que a repetição – ou se quisermos seguir a tradição confuciana: o rito – gera a atitude que se pretende adquirir. O “fingir” material, do corpo, induz a virtude na alma. E exemplificamos esse “fingir” com Guimarães Rosa, Fernando Pessoa, Shakespeare e Pascal. A fórmula mais enxuta nos vem de uma sentença de João Guimarães Rosa: "Tudo se finge primeiro; germina autêntico é depois<sup>5</sup>". Lauand comenta:

Um homem que reconheça um seu defeito moral, digamos a ingratidão, e queira adquirir a virtude correspondente, como deve proceder? Fingindo. Quer dizer, começa-se por assumir as formas externas, verbais da gratidão (que não se sente): “fingir” reconhecer o caráter indevido do favor recebido, “fingir” louvar o benfeitor, “fingir” sentir-se na obrigação de retribuir etc. E, um belo dia, germina autêntico aquilo que se fingia...

“Finge” também Fernando Pessoa:

#### **Autopsicografia**

O poeta é um fingidor  
Finge tão completamente  
Que chega a fingir que é dor  
A dor que deveras sente.  
E os que leem o que escreve,  
Na dor lida sentem bem,  
Não as duas que ele teve,  
Mas só a que eles não têm.

E o “fingir” é também preconizado por Shakespeare: “*Assume a virtue, if you have it not*”, diz Hamlet (III, 4)<sup>6</sup>. Pascal situa-se nessa mesma direção em *Pensées* #250:

É necessário que o exterior se una ao interior, isto é, pôr-se de joelhos, rezar com os lábios, etc., a fim de que o homem orgulhoso, que não quis se submeter a Deus, seja submetido à criatura. Esperar socorro desse exterior é ser supersticioso; não querer ajuntá-lo ao interior é ser soberbo.

Destaquemos esta advertência de Pascal: “esperar socorro daquele exterior é ser supersticioso”. O Guimarães Rosa que fala de fingir para germinar é o mesmo que também nos alerta: “Confiança - o senhor sabe - não se tira das coisas feitas ou perfeitas: ela *rodeia é o quente da pessoa*”<sup>7</sup>.

Os verdadeiros mestres do *Chado* (Caminho-do-chá) sabem que os ritos – sem uma dimensão no interior de quem os pratica – podem muito bem degenerar em rituais vazios. Namboroku, livro clássico do século XVI já alertava:

---

<sup>5</sup>. "Sobre a escova e a dúvida" in *Tutaméia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1985, p. 166.

<sup>6</sup>. Assume a virtue, if you have it not. That monster, custom, who all sense doth eat. Of habits devil, is angel yet in this, that to the use of actions fair and good He likewise gives a frock or livery, that aptly is put on. Refrain to-night, and that shall lend a kind of easiness to the next abstinence: the next more easy. For use almost can change the stamp of nature. And either.. the devil, or throw him out with wondrous potency.

<sup>7</sup>. Rosa, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 72.

O significado fundamental do *Wabi* revela um mundo búdico de imaculada pureza; portanto, que o pó desse caminho do jardim e do casebre sejam varridos de modo impecável. E quando o anfitrião e seus convidados mantêm um trato cordial, de coração aberto, não se deve de modo algum falar sobre as leis da cerimônia, sobre suas prescrições, critérios e medidas. Tudo é apenas uma oportunidade, desde o atizar do fogo, a água a ferver, até o saborear do chá. Nada deve haver além disso. Isso é o que faz reluzir o coração de Buddha, límpido como o orvalho. Quando o homem se concentra nas cortesias e nos cerimoniais, cai nas mais diversas obrigações mundanas e, assim, ou os convidados cedem à negligência do anfitrião, encobrindo-a, ou o anfitrião se diverte com a negligência dos convidados. Em época alguma houve um homem que compreendesse tudo isso até as últimas instâncias do requinte e da profundidade<sup>8</sup>.

Assim, apontando para a essência, Sen XV (op. cit. p. 21) diz que o simples ato de servir o chá e recebê-lo com gratidão é fundamental para um modo de vida do *Chado*. Quando se serve uma tigela de chá de acordo com o rito, uma síntese cultural de grande extensão e de altos ideais é posta em jogo com aspectos de religião, moralidade, estética, filosofia, disciplina e relacionamento social. E que o estudante da Cerimônia do Chá aprende a ordenar as coisas, regular o tempo e intervalos, apreciar a elegância social e aplicar isto tudo na experiência do cotidiano. Estas coisas advêm do simples processo de servir e receber uma tigela de chá ofertada com um único propósito: o de alcançar a tranquilidade da mente em comunhão com os demais companheiros dentro do nosso universo. E nesta maneira de ser que encontramos presentemente o significado do Caminho do Chá.

Talvez a fórmula de equilíbrio nos seja dada por Cristo. No Evangelho, vêmo-lo investir contra o absolutismo dos rituais dos fariseus – como os ritualismos de ablução ou do dízimo (“limpais por fora o copo e o prato, enquanto por dentro estais cheios de rapina e maldade” Lc 11, 39; “pagais o dízimo da menta e das hortaliças e deixais de lado a justiça e o amor a Deus” Lc 11, 41; etc. em resumo: cuidam do exterior, mas não do interior – Lc 11,40); mas vêmo-lo também queixar-se da desatenção aos cerimoniais de hospitalidade, em casa de Simão, o fariseu: “Simão, entrei em tua casa e não me deste água para os pés... não me deste o beijo de acolhida... não ungeste minha cabeça com azeite...” (Lc 7, 44 e ss.). A conclusão é clara. Sim, os aspectos externos são importantes, na medida em que propiciam, suscitam, fomentam, alimentam, despertam... atitudes interiores, o “quente” da pessoa.

### **As tradições e a Tradição**

Hammitzsch inicia seu livro dizendo que o conceito de *Do*, “Caminho” (道) encontra-se no centro da criação cultural e espiritual do Japão. “O Caminho é a tradição de uma arte. Para o praticante dessa arte, sem um Caminho não há uma trajetória a seguir”. O Caminho, por representar uma tradição, percorre várias gerações e será transmitido às futuras, cristalizando a soma de experiências isoladas que se deram na própria prática e que, portanto, são de permanente importância para o posterior exercício do Caminho em questão.

---

<sup>8</sup>. cit. por Hammitzsch, Horst *O Zen na Cerimônia do Chá*, São Paulo, Ed. Pensamento, 1987, pp. 100-101.

Naturalmente, a tradição remete à ideia de permanência, ou seja, o conceito de tradição aparece como algo cristalizado, quase oposto à ruptura. Vale pontuar que esta permanência depende, paradoxalmente, da capacidade que cada expressão tradicional tem de se manter em movimento. “Tradição, no sentido japonês, não é a mera transmissão de algo estabelecido, acabado, criado por um Mestre. Tradição significa o ensino de um Mestre em sua totalidade, e ‘o contínuo vivenciar’ do seu legado em toda sua plenitude” (op. cit. p. 8).

A partir desta abordagem é possível considerar que o Caminho não aparta o sujeito protagonista-histórico; pelo contrário, consegue uma articulação orgânica entre sujeito e objeto, entre o antepassado e os praticantes, sendo processado e adaptado a novas necessidades por uma rede de relações e diálogos com elementos surgidos posteriormente.

Vejam, como ilustração, um pequeno trecho da Cerimônia:

Antes de fazer o chá forte, preparamo-nos e purificamos nossa mente e os utensílios a serem usados, de modo especial. Um dos passos desse preparo é o cuidadoso exame das quatro pontas do fukussa (pano de mesa utilizado para a limpeza dos utensílios). Este processo significa também uma oferenda de graças através dos quatro pontos cardeais, cada um deles representado por uma das quatro pontas, comparável ao aforisma supracitado. Não estamos simplesmente purificando os utensílios e nossas mentes, mas, como está implícito no sutra, concebendo humildemente o nosso relacionamento com tudo aquilo que nos cerca, com o próprio universo. Sem isto, servir o chá torna-se um ritual superficial e vazio. Este espírito puro, simples e grato que empresta sentido aos rituais de Chá é obtido com a busca do treino e disciplina igualmente existentes na prática do Zen. (Sen XV, op. cit. p. 62)

Nessa harmoniosa articulação exterior-interior reside precisamente o potencial pedagógico do *Chado*. Mas as possibilidades de descaminho são inúmeras. Mesmo no Japão, hoje em dia, não é raro que o *Chanoyu* seja praticado como mera formalidade, um ritual sem alma para manter “as tradições” (já o famoso escritor Yasunari Kawabata, Prêmio Nobel de 1968, em seu romance *Mil Tsurus*<sup>9</sup>, advertia para o caráter deletério desse fato).

Aproveitemos aqui a genial distinção de Pieper: Tradição x tradições:

Uma consciência autêntica da tradição nos torna livres e independentes em relação ao conservadorismo daqueles que se pretendem 'os guardiões da tradição'. E na verdade pode ocorrer que esses famigerados 'bastiões da tradição', por se aferrarem a formas históricas, impeçam a verdadeira transmissão daquilo que realmente é valioso (e que só pode ser transmitido sob formas históricas transformadas). E há uma transmissão autêntica das tradições essenciais que o simples conservadorismo nem sequer é capaz de divisar. Sem dúvida, no conjunto, o que

---

<sup>9</sup> Kawabata, Yasunari. *Mil Tsurus*, São Paulo, Editora Estação Liberdade, 2006.

menos importa para a verdadeira Tradição é aquilo que normalmente se chama de 'as tradições'.<sup>10</sup>

O exemplo que Pieper junta a essa consideração é o do “cerimonial” – vivenciado por ele na infância (e por todos os católicos alemães na época, no começo do século XX) – de o pai, como chefe da família reunida para as refeições, fazer o sinal da cruz sobre o enorme pão caseiro antes de cortá-lo e distribuí-lo. Esse costume não era omitido jamais; o patriarca podia traçar o sinal da cruz distraída ou furtivamente, mas nunca deixava de fazê-lo. Décadas depois, Pieper reconhece que esse “cerimonial” desapareceu completamente e é, nos dias de hoje, impensável. As famílias já não almoçam juntas; já não existem aqueles pães tão grandes que requeriam a força de um homem adulto para cortá-los etc. Pode-se até lamentar o fato, mas essa bela tradição já não existe mais... Mas, pergunta-se Pieper, será que, por isso, devemos dar razão aos pessimistas e apocalípticos que veem nesse(s) desaparecimento(s) uma crise de civilização, o fim do sentido da família e da própria religião cristã? A resposta é: Não! Por mais que reconheçamos o valor das formas concretas pelas quais a *Tradição* é transmitida, a própria dinâmica histórica exige, por vezes, novas formas: daí que, como recolhemos no parágrafo citado literalmente acima: “pode ocorrer que esses famigerados 'bastiões da tradição' por se aferrarem a formas históricas impeçam a verdadeira transmissão daquilo que realmente é valioso (e que só pode ser transmitido sob formas históricas transformadas)”.

Cabe aqui uma observação sobre o perverso uso político, militar etc. das *tradições* e dos valores tradicionais, convocados para “legitimar” – em nome da Tradição – a hierarquia vigente, absurdos “sacrifícios pela Pátria”, tanto no âmbito da política interna como no do colonialismo estrangeiro, como muito bem denunciou, por exemplo, Edward Said.

Também o *Chanoyu* deve ser examinado com cuidado. Se é certo que é frequentemente apresentado – juntamente com outras artes *Do* – como um fator indispensável para poder entender melhor a cultura japonesa e mesmo como uma metáfora da tradição cultural nipônica e o próprio símbolo da identidade nacional (a ser resgatado quando esta se encontra em crise); por outro lado, é necessário estarmos atentos ao risco de determo-nos somente no “exterior” (Pascal). Por isso, é interessante examinarmos o filme *Okuribito*.

### **Okuribito - diversas atitudes ante o cerimonial**

O esvaziamento e a perda (e a possibilidade de recuperação...) do sentido da cerimônia são mesmo o tema central do magistral filme *Okuribito* (“A Partida”), *Oscar* de melhor filme estrangeiro de 2009.

O jovem personagem Daigo Kobayashi, desempregado, acaba aceitando o emprego de preparador de corpos dos mortos antes de eles serem cremados: o tradicional ritual *nokan*, realizado na presença dos parentes e amigos mais próximos do defunto e que consiste em limpar delicadamente o corpo, vesti-lo com roupas adequadas e maquiagem o rosto do morto antes de colocá-lo no caixão.

O filme habilmente estabelece o contraste entre a dedicação inicial de Daigo a mais “pura” das artes, violoncelista de orquestra de música erudita (projeto interrompido abruptamente por perda de patrocínio), e a posterior necessidade de ganhar a vida, mudando-se para o interior e dedicando-se ao repulsivo ofício.

---

<sup>10</sup>. Pieper, Josef Le Concept de Tradition, cit. por Sproviero, Mario Bruno “Confúcio e a Revelação Primitiva” <http://www.hottopos.com/mirand5/mario.htm>.



Daigo sob o olhar do chefe, Sr. Sasaki [www.hokubei.com/en/arts?page=46](http://www.hokubei.com/en/arts?page=46)

Daigo, que por algum tempo consegue ocultar a sua ocupação, evidentemente considerada desprezível e repugnante (o próprio Daigo, nos primeiros trabalhos, sofre de violentas náuseas), enfrenta o repúdio dos amigos e da própria esposa Mika (que o abandona), quando estes descobrem seu verdadeiro ofício.

Naturalmente, uma obra-prima do porte de “A partida” convocaria mil comentários sobre detalhes de sua captação – para o bem e para o mal – da realidade social japonesa contemporânea. Neste trabalho restringir-nos-emos a algumas atitudes referentes à cerimônia.

O que mais chama a atenção é a perda generalizada do sentido profundo da tradição *nokan*, preservada pelo Sr. Sasaki. Com incrível genialidade, o filme não confere ao Sr. Sasaki nenhuma iluminação especial, nenhuma requintada sensibilidade para rituais; muito pelo contrário: ele aparece em cena mascando um palito de dentes e é um homem prático e sem nenhum refinamento. Quase poderíamos aproximar seus modos – quando não está em funções cerimoniais – dos de, digamos, um típico caminhoneiro ou borracheiro. Mas, já no final do filme, Sasaki conta como começou sua carreira de *nokanshi*: a *vontade*, quando morreu sua esposa, de deixá-la linda, como ele a via...

Esse homem, aparentemente insensível e nada romântico, é, na verdade, o único detentor do genuíno sentido de uma milenar tradição. E, quando se apresenta o candidato Daigo para a entrevista (sem suspeitar que o emprego seja de *nokanshi*), Sasaki vê imediatamente seu potencial e faz-lhe uma proposta irresistível, pois intui que ele será não só um funcionário eficiente, mas um discípulo para manter viva a verdadeira tradição *nokan*.

O filme mostra também como Daigo vai, pouco a pouco, transformando-se num “grande mestre” dessa arte e contagiando a todos com seu profundo sentido. É um profundo trabalho educativo que atinge as mais profundas regiões da existência (tendo que quebrar preconceitos aparentemente indestrutíveis), por meio da materialidade de lidar com o corpo (e neste caso até com o corpo no sentido de “corpo morto”).

Daigo, abandonado pelo pai na tenra infância, alimenta traumas e rancores em relação a ele: nem consegue se lembrar de seu rosto etc. O clímax do filme ocorre quando Daigo descobre que seu pai morreu (em outra cidade) e reluta em viajar para se “despedir” dele. Finalmente convencido pela colega de trabalho (outra cena de extrema sensibilidade, mas que não comentaremos aqui), esse “encontro” acaba curando-o de seus traumas, que dão lugar à compreensão, ao perdão e ao amor. Daigo decide-se a preparar o corpo do pai para “a partida” quando chegam para fazer o serviço dois *nokanshi*, profissionais “competentes”, mas sem nenhuma reverência e simplesmente preocupados em “fazer logo o serviço”.

Uma transformação existencial “impossível”, realizada pela prática de uma cerimônia, considerada repulsiva, mas que, atingido seu núcleo essencial, acabou por se manifestar mais poderosa do que a pura arte da música...

### **Uma modesta “cerimônia” em escola pública municipal**

Naturalmente, uma “aplicação” curricular de cerimônias como a Cerimônia do Chá seria problemática. Os “objetivos de aprendizagem” do Ocidente estabelecem (ou mesmo operacionalizam e comportamentalizam) metas bem concretas: ensinam-se teoremas de geometria para que o aluno desenvolva o raciocínio lógico; ensina-se aritmética para que traduza de modo exato os aspectos quantitativos da vida; etc. Pretende-se também uma aprendizagem em temas mais amplos ou mesmo transversais: cidadania, meio ambiente, ética etc., que, como todo mundo sabe, acabam, na prática, limitando-se à repetição de alguns slogans, à instrução no politicamente correto, a um faz de conta *pro-forma*, inosso e insípido.

Quais são os valores pedagógicos que podem ser veiculados pela Cerimônia do chá? Naturalmente, nada que se possa “cobrar” em questões do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) ou exame vestibular? Observemos, *en passant*, que um exame em teste de alternativas não pode *eo ipso* avaliar a riqueza interior adquirida em um bom curso de, digamos, história ou literatura. A humanização produzida pelo autêntico contato com um Guimarães Rosa ou uma Clarice Lispector escapa completamente a qualquer teste do Enem, da Fuvest ou Prova Brasil, obrigados – por sua própria formatação – a restringir-se a aspectos periféricos, à camada exterior do texto, a interpretações “objetivas”. Ao dirigir-se para o sucesso nesses exames, o ensino dessas disciplinas abdica, portanto, de suas próprias almas...

Essa problemática torna-se ainda mais aguda quando nos voltamos para a Cerimônia do Chá. Longe de nós querer apresentar qualquer proposta concreta da Cerimônia como atividade paradidática ou de efeméride, digamos, no dia da celebração da Imigração Japonesa ou coisa similar. Nesse caso – e supondo que a proposta fosse aceita – incorreríamos em mais uma tolice escolar, como tantas ridículas celebrações ao modo como em alguns casos da do “dia do Índio”.

O ponto sobre o qual temos insistido ao longo deste trabalho é precisamente a transformação interior que a Cerimônia *pode* propiciar. E o que ela pode propiciar transcende – não só em grau, mas em ordem – qualquer proposta comportamentalista de aprendizagem, do tipo: “Ao final deste módulo, o aluno estará apto a... (calcular, enumerar...: verbos comportamentais)”.

Também o mestre Sen XV nos alerta para o fato de que o essencial é sempre o interior. Nos tempos de Buda, um homem andava pelas montanhas em busca de um lugar onde pudesse disciplinar-se para compreender seu espírito. Enquanto o procurava encontrou, por acaso, um dos discípulos de Buda. "Senhor, de onde vem?" perguntou. O discípulo respondeu-lhe imediatamente: "Venho do meu local de prática." Achando que aquele homem conhecia o lugar exato pelo qual tanto procurava, perguntou ao discípulo: "Senhor, estou procurando por esse mesmo local. Por favor, leve-me lá." O discípulo respondeu: "O local da prática esta no espírito puro e honesto onde não haja falsa vaidade." Chocado, o homem soube que o lugar da prática e disciplina não é visto só com os olhos. O lugar da prática é o espírito. O espírito procura iluminar-se. Não importa que seja numa sala onde se pratica o Chá ou a meditação; qualquer lugar calmo e lugar onde se pode encontrar o próprio espírito. (Sen XV, op. cit. p. 63)

Para concluir, seja-me permitida uma narrativa de vivência. Trata-se de uma singela (mas profunda) “experiência” que espontaneamente realizei, neste ano, com

meus alunos de 2º ano do ensino fundamental I da escola municipal. Meus vinte alunos procedem predominantemente de classes sociais C e D. Obtivemos por doação uma máquina de fazer pipocas, uma miniatura dessas de salas de cinema, nas quais – para delírio das crianças – as pipocas giram, jorram e caem em profusão numa grande travessa. Ao contrário do que o leigo poderia esperar, as próprias crianças logo começaram a procurar traduzir em “rito” a nossa ruidosa “cerimônia da pipoca”, estabelecida numa segunda sessão, na qual as crianças sugeriram convidar os coleguinhas do 1º ano.

A pipoca, passada a primeira sessão (mais “selvagem” e “egoísta”) começou a ser vista como fator de integração, generosidade e hospitalidade. Era necessário organização (explícita ou tácita), realidades materiais que consubstanciassem esses ideais: nenhum dos alunos “anfitriões” reivindicou sua quota antes que os “convidados” estivessem servidos e bem servidos. Servir era a palavra de ordem (tácita): desde que surgiu, a ideia veio acompanhada de outras: pedir às mães outras guloseimas para oferecer aos coleguinhas, inventar brincadeiras para entretê-los durante a espera, o cuidado com a apresentação da oferta (providenciando saquinhos coloridos, panos nas mesas, placas por eles desenhadas para indicar o local da fila, etc.), desenhar mensagens de gratidão para o doador da pipoqueira etc.

O mais curioso é que todo esse exercício de generosidade, solidariedade, serviço e desprendimento brotou espontaneamente (só na segunda sessão, é bem verdade) e imediatamente buscou traduzir-se em realidades materiais, que interagem com aquelas atitudes interiores. Infelizmente, nada disso, desse comovente crescimento humano, interessa aos burocratas que governam nossa educação, pois escapam aos índices das pranchetas dos avaliadores, ávidos de “resultados”, sobretudo os que possam ser exibidos em ano eleitoral.

Refletindo sobre essa experiência – para mim, como educadora, tão comovente e gratificante – pude ver nela – dando asas à imaginação, ao devaneio ou ao delírio – o embrião de uma futura “Cerimônia da Pipoca”, com rituais consolidados depois de séculos:

- Nenhum aluno anfitrião tocará nas pipocas antes de os convidados estarem satisfeitos.
- Os anfitriões devem imediatamente recolher as pipocas que não saltem para a travessa e discretamente arremessá-las ao lixo da sala de aula.
- Nenhum convidado deve comer piruás. Um segundo saquinho será fornecido ao convidado, quando se esgotar o primeiro (daí que antes de os convidados chegarem deve haver já um primeiro saquinho de pipocas preparado).
- Os primeiros da fila devem ser os menores dentre os convidados.
- Etc.

Vistos assim, os passos da Cerimônia do Chá aparecem como plenos de sentido, apontando para a realização (se tudo correr bem) dos valores da hospitalidade, reverência, autonomia, liberdade, de ver a dignidade do outro, a alegria da convivência, a espontaneidade para criar...

Claro que seria puro *nonsense* perguntar, com nossos avaliadores oficiais: Mas, enfim, ao final da “Cerimônia”, o aluno estará apto a quê?